

Os efeitos de *looping* na cultura terapêutica no Facebook¹

Adriana Helena de Almeida FREITAS²

Henrique Moreira MAZETTI³

Universidade Federal de Viçosa, UFV

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar alguns sentidos atribuídos à depressão no Facebook, com o intuito de identificar articulações da cultura terapêutica (debatida por autores como (2011), Rieff (1990), Furedi (2003)) no ambiente online. Identificamos dois grupos de páginas a partir dos princípios da cartografia (Passos e Barros, 2014) que se relacionam com diferentes aspectos da cultura terapêutica. No primeiro deles, a depressão é um objeto de conhecimento de especialistas psi e, no outro, a depressão é vista como parte da identidade dos indivíduos afetados por ela. A partir da comparação das duas, acionamos os debates sobre o efeito *looping* dos tipos de pessoas, proposto por Hacking (1995) para observar como a cultura terapêutica de fato instaura verdades, e permite que os sujeitos reafirmem o que as ciências psi propõe.

PALAVRAS-CHAVE: cultura terapêutica; depressão; Facebook; efeito looping.

Introdução

A cultura terapêutica engloba uma série de fenômenos presentes na contemporaneidade, em que o estado emocional dos indivíduos ganha proeminência na atribuição de sentido a experiências cotidianas de cada um. A difusão e naturalização de termos originalmente exclusivos às chamadas ciência psi (psicologia, psiquiatria, psicoterapia), o aconselhamento profissional para a administração apropriada das questões psicológicas, além da constante narrativa da autorrealização representam algumas características iniciais deste fenômeno. A cultura terapêutica propõe padrões a serem seguidos para que os sujeitos mantenham a saúde mental estável a fim de controlar os níveis de produtividade e autossatisfação.

¹ Trabalho apresentado na IJ08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV, email: adriana.almeida@ufv.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo UFV, email: mazetti@ufv.br

Cabe à mídia o papel de apresentar ao público estes modelos propostos. Ela tem o poder de convocar os sujeitos a se identificarem com o que é pautado, e a partir disso construir noções de identidade sobre si mesmos. Através da mediação, a mídia consegue transformar sentidos e significados. Fisher (2002) propõe o conceito de dispositivo pedagógico da mídia, que significa a capacidade da mídia de propor “aprendizados sobre modos de existência, sobre modos de comportar-se, sobre modos de construir a si mesmo” (FISHER, 2002, p.153).

A partir destas perspectivas, este artigo buscou compreender alguns sentidos atribuídos à depressão no Facebook e como eles dialogam com a cultura terapêutica. Nos baseamos na cartografia proposta por Passos e Barros (2014) como metodologia, acompanhando e mapeando os diferentes modos e contextos nos quais o termo depressão é utilizado na plataforma⁴. Este mapeamento identificou dois grupos de páginas cujas características se relacionam a elementos da cultura terapêutica

No primeiro grupo, a depressão é representada como um objeto de conhecimento dos profissionais das áreas psi, que se colocam como guias para a autorrealização dos sujeitos a partir da superação dos transtornos psicológicos. Abordamos também as escolhas das páginas desse grupo para publicações a fim de tentar compreender diferentes formas de uso da plataforma.

Em seguida apresentamos outro grupo em que a depressão passa a significar parte da identidade dos sujeitos que tem suas vidas afetadas pelo transtorno. As páginas deste grupo também se posicionam como guias, na medida em que buscam auxiliar outras pessoas que passam pelo mesmo que eles, sendo a experiência o fator que legitima esta posição.

Apresentamos primeiro um apanhado geral das teorias que norteiam as interpretações deste trabalho. Os autores que trabalhamos propõe diferentes olhares para o fenômeno da cultura terapêutica, como a ressignificação e disseminação de termos psi (Furedi, 2004), a individualização e busca pelo bem-estar do homem psicológico (Rieff, 1990), as articulações do self e modelos de subjetividade (Rose, 2011) e a integração e expansão das teorias e dos profissionais psi em outras áreas de conhecimento (Illouz,

⁴ Este artigo descende de uma pesquisa de Iniciação Científica finalizada em março de 2018, onde foram analisados 5 grandes grupos de páginas, que se relacionavam com distintas articulações da cultura terapêutica. Para este trabalho optamos por comparar duas delas e refletir sobre o conceito de efeito *looping* identificado nestas.

2011). Além disso, propomos a comparação entre os dois grupos com base nos tipos de pessoa e no efeito *looping* propostos por Hacking (1995).

Cultura terapêutica

Rieff (1990) é um dos autores que inicia a discussão acerca do que é chamado de cultura terapêutica. Em seu trabalho ele discursa sobre as maneiras como a sociedade contemporânea transfere os papéis de autoridade antes atribuídos a instituições como a Igreja Católica e a família para a busca pelo bem-estar. Com o desenvolvimento da psicanálise o indivíduo passaria a atentar mais para questões emocionais e individuais e desprender-se das preocupações com a vida em comunidade.

Desta forma, o que ele define como *homem psicológico* se trata de um sujeito cujo cerne da existência está em alcançar o bem-estar pessoal o tempo inteiro. A crítica do autor gira em torno da hipótese de que esta preocupação baseada somente nas necessidades individuais do indivíduo, levaria à uma despolitização dos sujeitos, que estariam interessados somente em sua autorrealização.

A disseminação da cultura terapêutica proposta por Rieff pode ser observada na popularização do uso de termos do vocabulário terapêutico para se referir a estados de espírito ou problemas cotidianos. Furedi (2004) exemplifica que ansiedade, estresse, compulsão, vício e entre outros passaram a representar situações comuns do dia-a-dia, em contraposição a uma definição anterior mais atrelado às ciências psi, e que acabam se tornando parte do nosso imaginário cultural. Essas características da cultura terapêutica fazem com que as questões emocionais se insiram no vocabulário popular, construindo, de fato, uma realidade.

Estes processos vão sendo inseridos aos poucos em diversas esferas da sociedade contemporânea. Eva Illouz (2011), por exemplo, vai olhar para a forma como a cultura terapêutica transforma as relações capitalistas. Ela propõe que as técnicas da psicologia e psicoterapia se inserem no âmbito empresarial criando então novas formas de organização das relações no trabalho. A autora discute como a estruturação das ciências psi e a transformação dos profissionais desta área em autoridades com habilidade para manejar a produtividade do indivíduo através do bem-estar psicológico altera as relações sociais, criando o que ela chama de *capitalismo emocional*. Nele as questões afetivas e emocionais modelam as práticas econômicas e vice-versa.

Além disso, podemos discutir a perspectiva proposta por Rose (2011), que apresenta como a cultura terapêutica se torna um mecanismo para um regime de poder. De acordo com ele, o processo de institucionalização das ciências psi e dos seus profissionais estabelece modelos de subjetividade específicos. Para o autor somos convocados a administrar nosso eu o tempo inteiro através do aconselhamento com estes profissionais, na busca constante pelo bem-estar. Rose discute também sobre como estes modelos propõe constantemente a criação de um *self* autêntico e realizado.

A mídia funciona como ferramenta de construção e apresentação desses modelos, propondo e construindo novas significações conforme surgem alterações nos contextos vivenciados. Em um momento de ascensão das redes sociais, voltamos nossos olhares para compreender de que formas a depressão e seus sentidos expressos no Facebook dialogam com as narrativas da cultura terapêutica. Parte-se de uma visão além da perspectiva clínica a respeito do transtorno. Como clínica, delimitamos a abordagem onde a depressão se trata de um déficit de serotonina no cérebro. Mais que isso, neste trabalho, o transtorno depressivo é tido como construído socialmente através de processos de subjetivação e sociabilidade em diversos contextos.

A respeito destas formas de classificação, Hacking (1995) propõe o debate sobre tipos de pessoas. Para ele, esses “tipos de pessoas” necessitam ser relevantes de certa forma. Precisam também classificarem pessoas, ações e seus comportamentos e despertarem o interesse da produção de conhecimento científico nas ciências sociais. É essencial que eles projetem a ideia de um tipo de indivíduo e não apenas classifiquem-no. Estes surgem em contextos específicos e estão sempre relacionados a valores morais.

O autor apresenta alguns exemplos de como esses tipos de pessoas afetam as formas como os indivíduos experimentam a si mesmos e como a sociedade passa a percebê-los, como por exemplo, a ideia de ser homossexual ou de ter transtorno de múltiplas personalidades. A prática de se relacionar com pessoas do mesmo gênero, ou a manifestação dos sintomas do transtorno existem há muito tempo, contudo, somente a partir do estabelecimento dos conceitos homossexual ou transtorno de múltiplas personalidades é possível que os sujeitos experimentem estas formas de ser.

O que não significa, porém, que o conceito exista em um primeiro momento e que em seguida ele venha ser apropriado pelos sujeitos. O tipo de pessoa emerge ao mesmo tempo em que o conhecimento sobre ele se expande. Estes tipos de pessoas são elaborados, especialmente no campo científico, para que os comportamentos

característicos destes possam ser mesurados e que se possa intervir sobre eles a fim de aperfeiçoá-los em direção à uma determinada normalidade.

Contudo, a manifestação destes tipos de pessoas não dura para sempre. Uma vez estabelecidos, eles são alterados pelos próprios indivíduos. A consciência de que se é um tipo de pessoa altera as possibilidades de ação destes sujeitos, o que, portanto, altera o comportamento destes. Com a alteração destes comportamentos, mudam-se os tipos e, por consequência surge o interesse de produção científica a respeito destes novos tipos de pessoa. Esse processo é o que Hacking (1995) define como efeito *looping* dos tipos de pessoas, uma vez que quando esta produção se reinicia, ela transforma novamente as maneiras como os sujeitos se percebem e se comportam, e assim por diante.

É possível observar as formas como contextos específicos alteram conceitos, e também, neste caso, a produção científica sobre estes. De acordo com Saint Clair (2015), no Brasil, antes da década de 1980, a depressão tinha sentido majoritariamente coletivo. Estava mais atrelada aos sentimentos de desapontamento e desgosto de uma população ou grupo de pessoas a respeito de determinado acontecimento do que à angústia individual a que é associada nos dias de hoje. Ehrenberg (2016) aponta que a depressão e todo o grupo de doenças que afetam o estado psicológico passam a assumir papel de destaque na sociedade ocidental a partir da década de 1970, contexto de desenvolvimento das ciências psi.

Estas ressignificações estão inseridas no processo de valorização das esferas subjetivas debatido pelos autores sobre a cultura terapêutica. Durante todas as fases da vida nós somos orientados a olhar para o nosso equilíbrio emocional, pois todo nosso sucesso depende da administração adequada dessas questões.

Partimos do proposto por Rose (2011) de que as nossas noções de identidade surgem em conformidade às práticas que nos circundam, e que os sujeitos passam a olhar para si mesmos como seres psicológicos, onde desenvolvem uma noção de autenticidade que se acredita ser particular e única. Portanto, observar como páginas do Facebook constroem significados sobre o termo é analisar as maneiras como os sujeitos na plataforma estruturam uma parcela da sua própria identidade.

Inicialmente passamos para a análise de cada tipo de página, ressaltando articulações da cultura terapêutica identificadas em cada uma delas. Em seguida, propomos a discussão acerca do conceito de *looping*, comparando as formas como os

profissionais psi apresentam a depressão e como o tipo de pessoa *depressivo* se manifesta, absorvendo este discurso e o tomando como identidade.

A depressão como objeto de conhecimento de profissionais psi

A partir da segunda metade do século XX a sociedade moderna ocidental sofre uma série de mudanças a respeito da percepção da subjetividade. A expansão das neurociências, da psicologia e psicoterapias instrumentaliza alguns comportamentos e sentimentos como transtornos patológicos e, portanto, passíveis de tratamento.

Edificadas, essas chamadas ciências psi expandem seu campo de atuação para além do ambiente clínico dos consultórios de psicólogos e psiquiatras. Passam a permear diversas esferas da vida moderna. Illouz (2011) aponta que no ramo empresarial, por exemplo, esses profissionais são convocados a resolver resistências disciplinares e incrementar a produtividade dos funcionários, que são chamados a controlar e administrar a si mesmos.

Os profissionais psi, se tornam então "gurus" que detém o conhecimento e as técnicas para otimização da vida. A obrigação passa a ser se sentir bem o tempo inteiro, a busca pelo bem-estar e sucesso profissional se tornam o centro da existência ocidental. Estas conquistas dependeriam da habilidade do indivíduo de administrar suas questões psicológicas.

Com a expansão deste discurso, a presença destes guias surge em programas de televisão, jornais, revistas e literatura de autoajuda. É proposto que o próprio sujeito aprenda como resolver e lidar com seus problemas através de aconselhamentos embasados na psicologia e psicoterapia. Para que estes conhecimentos cheguem até o público é necessário que sua linguagem seja adaptada afim de despertar o interesse e possibilitar um melhor entendimento.

Rieff (1990) explica que os terapeutas começam a utilizar uma linguagem de fé, moralizante, ainda que científica. A importância de si mesmo em contraposição à importância do comunitário faz com que as ciências psi estejam para a sociedade moderna como a Igreja Católica estava para a sociedade medieval. Os líderes religiosos tinham o poder de guiar o indivíduo para uma existência em sintonia com Deus para a redenção no paraíso e hoje psicólogos e terapeutas possuem o poder de sintonizar o indivíduo consigo mesmo para que este alcance o sucesso ainda neste mundo.

Como a cultura terapêutica se faz presente em todas as instâncias da vida moderna, e, portanto, na internet, foi possível encontrar páginas que dialogam diretamente com esse aspecto específico. A primeira delas, *Dr. Diego Tavares – Psiquiatra* é uma página de perfil profissional de um especialista em transtornos depressivos e bipolares.

Aqui a depressão possui sentido puramente clínico e a página funciona para divulgação do trabalho do próprio profissional, que não possui nenhum blog ou site, além de tentar promover a "conscientização" do público.

A maioria do conteúdo apresentado é composto por textos autorais a respeito dos transtornos, mitos e esclarecimentos, sendo grande parte das publicações intituladas como "Você Sabia?". Apesar de didáticas, as publicações da página são escritas em textos longos com alguma imagem que ilustre o debate. Isso pode se tornar um problema em termos de visibilidade dentro do Facebook, uma vez a leitura dos usuários é geralmente rápida e dinâmica.

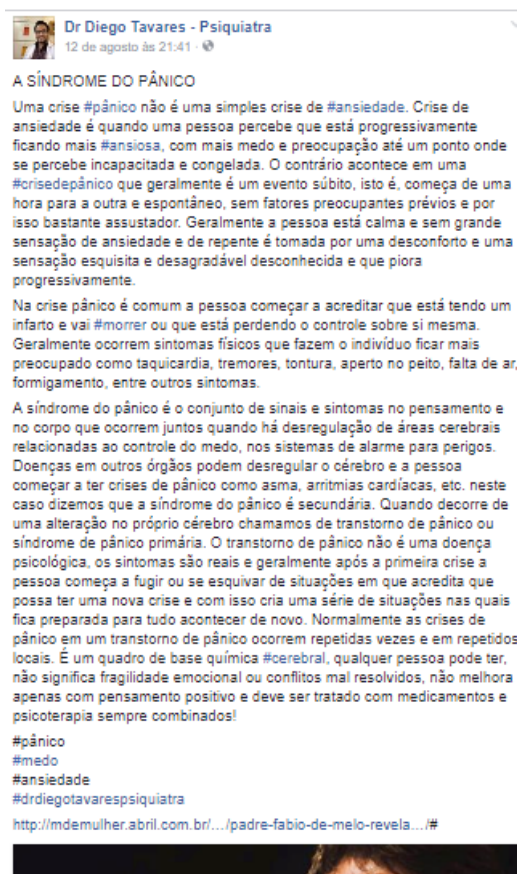


Figura 1: Prints indicando a publicação de textos da página (Reprodução do Facebook)

A página *Mentalmédica*, que representa uma clínica de especialistas da saúde mental, dispõe seu conteúdo de maneira muito semelhante, contudo, suas publicações

demonstram uma maior sensibilidade para com os seguidores e se adapta um pouco melhor a linguagem do Facebook. Enquanto a *Dr. Diego Tavares – Psiquiatra* mantém-se estritamente à visão clínica do especialista, esta página atenta-se a aspectos mais subjetivos da depressão, abordando tópicos ligados ao mal-estar causado sintomas, demonstrando certa preocupação com o estado emocional do seguido. Uma das propostas descritas é a de lutar contra o estigma envolvendo o universo psi, o que é feito através da publicação desses textos. O embasamento científico está presente nesses posts, porém a linguagem mais simples e sensível pode ser interpretada como uma tentativa de melhor se relacionar com o público.

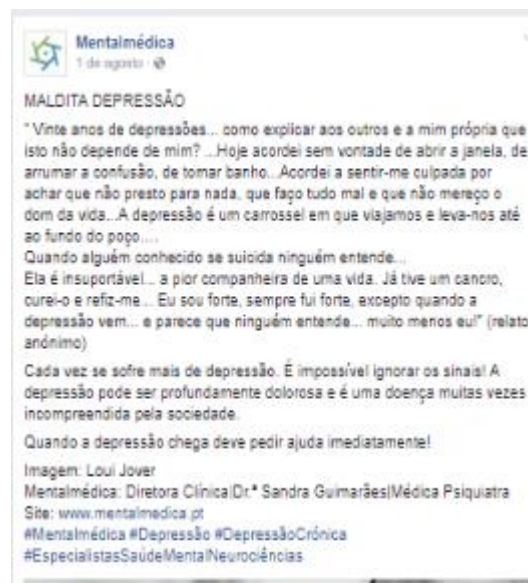


Figura 2: Print representando a publicação de textos da página (Reprodução do Facebook)

Dentro deste grupo a página que melhor se adapta a um formato de publicação mais atraente para os seguidores é a *Mundo da Psicologia*. Encontrada através da sugestão do próprio site, a página apresenta o maior número de seguidores e um dos motivos é certamente essa adaptação bem-sucedida à plataforma. O tom motivacional e sensível visto anteriormente se mantém aqui, porém é rara a presença de grandes textos.

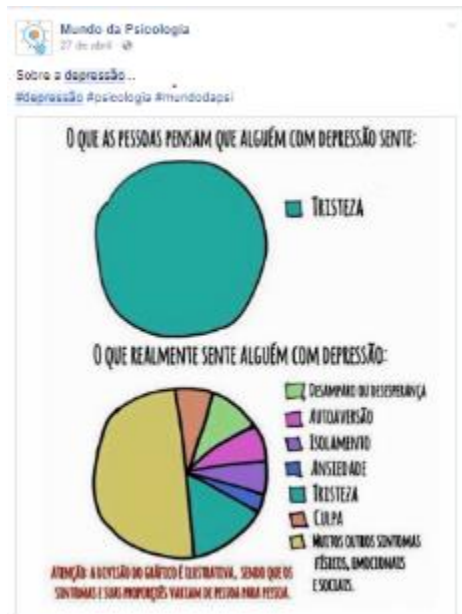


Figura 3: Prints indicando o uso de imagens e de publicações do blog compartilhadas na página (Reprodução do Facebook)

A página está ligada a um blog homônimo⁵ de onde a maior parte das publicações escritas são compartilhadas. As colunas abordam infinitos assuntos ligados ao universo da psicologia, porém podemos destacar os temas comportamento e afetividade. Esses conteúdos também possuem certo embasamento científico e são adaptados para a linguagem tradicional dos blogs. Além disso, alguns dos posts que tratam diretamente sobre depressão são imagens com ilustrações simples (não autorais) que apresentam alguma curiosidade, dica ou sintoma a respeito do transtorno. É justamente essa simplificação do conteúdo, o uso de textos nas imagens que facilitam a leitura do público e, portanto, atraem mais seguidores para a página.

A partir da observação das formas como a cultura terapêutica se articula neste grupo é possível interpreta-las a partir da perspectiva defendida por Rose, da psicologia como expertise, onde ela se torna

um tipo particular de autoridade social, caracteristicamente desenvolvida em torno de problemas, exercendo um certo olhar diagnóstico, fundada sobre uma reivindicação de verdade, afirmando eficácia técnica e reconhecendo virtudes éticas humanas (ROSE 1998 p. 123)

Estas páginas nos permitem observar como essa expertise opera nas redes sociais. A linguagem e o vocabulário psi são adaptados em maior ou menor grau para o público

⁵ <http://mundodapsi.com/>

alvo das páginas. A figura do profissional é representada como uma autoridade confiável que detêm o conhecimento necessário para administração dos problemas psicológicos. Estes processos representam um dos modos como a cultura terapêutica é negociada no Facebook.

Por outro lado, durante a pesquisa observamos a formação de um outro tipo de autoridade, em que a legitimidade lhe é conferida a partir da experiência. Quando usuários do Facebook que sofrem ou sofreram com o transtorno vêm a público para expor suas experiências e debater formas de buscar tratamento e combate a estigmas, os outros usuários que acompanham este conteúdo tomam as diversas articulações do ser sujeito com depressão para si, como parte de suas identidades.

A depressão como marca identitária dos usuários

Analisamos agora um grupo de páginas onde quem ocupa o lugar de fala são as próprias pessoas que sofrem ou sofreram de transtornos depressivos. A depressão, para elas, faz parte de quem elas são. Um processo similar já foi observado por Ortega (2008) que descreve o movimento da neurodiversidade, onde pacientes diagnosticados com autismo reivindicam que ele seja reconhecido como marca identitária, uma *conexão atípica* do cérebro e não uma doença. As páginas desta categoria são as formas como os respectivos administradores encontraram para abordar suas vivências com a depressão.

*Depressivas*⁶ foi a primeira página selecionada e nela os conteúdos possuem em geral um tom melancólico. A angústia e a dor causadas pelos transtornos psicológicos são retratadas através de imagens, textos e vídeos. Temas como suicídio e outros transtornos como a bulimia também são abordados e as publicações transmitem a sensação de desamparo. Os problemas no âmbito familiar, na escola e com os amigos também ganham destaque. A página é administrada por um grupo pequeno de garotas e os textos publicados são escritos por elas. Além disso, os seguidores têm a possibilidade de enviar frases ou poemas para serem postados na página. O relacionamento das administradoras com o público é de forte identificação, e a página promove publicações para que as pessoas possam desabafar. Também foi criado um grupo de ajuda no aplicativo de mensagens WhatsApp, que permite um relacionamento mais íntimo entre os envolvidos.

⁶ <https://www.facebook.com/umagarotadepressiva.com.br/>

A cura pela fala, proposta por Freud é um dos processos observados na Cultura Terapêutica. O ato de confessar como forma de redenção surge na Idade Média, onde os sujeitos iam aos líderes religiosos em busca da redenção perante a Deus. Com o desenvolvimento da psicoterapia, a confissão passa a ser um processo de normalização e individualização (VAZ, SACRAMENTO, 2015), onde vamos até os especialistas desta área para aconselhamento. A página *Depressivas* dialoga com essa perspectiva, pois assume o papel de autoridade na medida em que se propõe a ouvir e auxiliar os seguidores nesses grupos de ajuda. Atualmente, contudo, o confessar se expande e passa a ser usado para reafirmar uma identidade e instaurar uma verdade sobre si mesmo. Esta visão se encaixa melhor no que é apresentado pela página, pois além de aconselhar o público, as administradoras confessam e se afirmam como sujeitos afetados pela depressão.

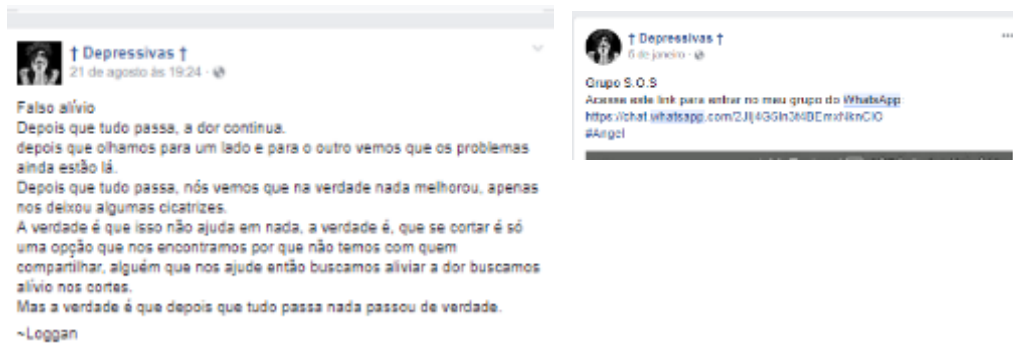


Figura 4: Prints representando a publicação de textos autorais e o grupo de ajuda no WhatsApp (Reprodução do Facebook)

Em *Depressão, Essa é Minha História*⁷ observamos conteúdos majoritariamente melancólicos similares ao da página anterior. Dentro destes, boa parte tende a abordar o sentimento de incompreensão da sociedade com o indivíduo que sofre com a depressão. Ocasionalmente, se propõe a esclarecer questões sobre a depressão e o uso de medicamentos. A página toma posição como alguém que sofre do transtorno, através da confissão, abordando as dificuldades enfrentadas, e tenta provocar um constante sentimento de identificação com o público.

⁷ <https://www.facebook.com/essaeminhahistoria/>



Figura 5: Print que exemplifica o sentimento de incompreensão das pessoas com o indivíduo que sofre com a depressão

A proposta da *Igual a Si*⁸ é bem definida e a página faz questão de deixar isso claro em todos os posts: A luta contra o estigma na doença mental através das hashtags *nãooestigma* e *nãooestigmanadoençamental*. Isso pauta todas as publicações, onde eles vão aos poucos delineando o que é de fato essa luta. Questões envolvendo o ambiente de convívio das pessoas que diagnosticadas com depressão, o incentivo à procura de ajuda e ao uso de medicamentos quando necessários além da aceitação dos problemas psicológicos como doenças pelo senso-comum são pautados e frisados neste espaço.

A diferença entre essa luta contra o estigma e a proposta pela *Mentalmédica*, apresentada anteriormente, é a do lugar de fala. Quem propõe esse combate aqui é quem sofre cotidianamente com a depressão. Desta forma a página acaba por propor também um modelo. Aqui o ser depressivo é combater não só as causas e os sintomas da depressão, mas também militar contra os preconceitos e julgamentos presentes na sociedade, a partir do debate aberto sobre a depressão.

Estes processos caracterizam o que Vaz (2014) descreve como vergonha reflexiva. Na sociedade contemporânea onde transtornos psicológicos estão cada vez mais naturalizados, por meio da cultura terapêutica, a doença não é mais o problema principal, mas o preconceito sofrido por quem é afetado por ela. O preconceito se torna um ato abominável, e os indivíduos passam a se sentir culpados por em algum momento terem estado de acordo com ele. Desta forma, quando *Igual a Si* propõe combater o estigma na

⁸ <https://www.facebook.com/igualasi/>

doença mental ela se relaciona com esse discurso e chama os seguidores a se distanciarem do preconceituoso através dos esclarecimentos postados na página.



Figura 6: Print representando as publicações da página e o uso das hashtags (Reprodução do Facebook)

Estas páginas dialogam com esta perspectiva, pois assumem o papel de autoridade na medida em que se propõe a auxiliar os seguidores, seja propondo uma luta contra os preconceitos, compartilhando suas experiências ou ainda através da criação desses grupos de ajuda. Atualmente, contudo, o confessar se expande e passa a ser usado para construir e reafirmar uma identidade. Quando os administradores destas páginas assumem que sofreram com a depressão, convocam os seguidores à tomarem a mesma decisão.

Conclusões

Propõe-se aqui uma análise das formas como o processo de *looping* se manifesta entre profissionais psi e depressivos a partir das relações observadas entre os conteúdos dos dois tipos de páginas descritos. O “depressivo” pode ser considerado um tipo de pessoa, nos parâmetros de Hacking (1995) na medida que, a depressão é um tema de relevância para a sociedade contemporânea, exemplificado nas observações de Saint Clair (2015) sobre o aumento de publicações contendo o termo a partir da década de 1980 até 2010 na Folha de São Paulo e na Revista Veja. Além disso, como observado nas próprias publicações das páginas, ter depressão demarca um tipo de comportamento e de ação sobre os quais estão atrelados diversos valores morais (como a experimentação e compartilhamento do sofrimento e luta contra o estigma), e que desperta o interesse

científico em áreas das ciências sociais e humanas (Psicologia e Comunicação Social, por exemplo).

Conforme o proposto pelo autor, à medida que os conhecimentos científicos sobre um determinado tipo de pessoa vão se edificando, esses tipos tendem a se modificar e, portanto, passam a instigar nova produção científica. No caso destas páginas, o tomar conhecimento de ser um tipo de pessoa leva estes indivíduos a incorporar por completo o discurso das ciências psi, confirmando a formação de um estereótipo do sujeito depressivo.

Nos dois tipos de página, uma luta contra o estigma dos transtornos psicológicos é proposta. Isto ilustra como os sujeitos depressivos se encontram de acordo com o que é estabelecido no campo científico sobre a depressão. Os indivíduos destas páginas não trazem mudanças na forma de se entender como depressivo, mas buscam que o outro, a sociedade passe também a compreender que a depressão é de fato uma doença, acima de qualquer coisa, e que, portanto, deve ser tratada como tal.

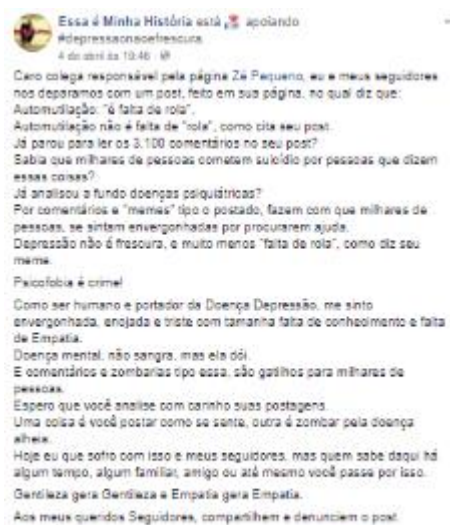


Figura 7: Print representando a busca pelo reconhecimento dos transtornos psicológicos como doenças (Reprodução do Facebook)

O efeito looping se dá por meio da reafirmação destes discursos por estes tipos de pessoas. Na medida em que continua a se pesquisar sobre a depressão e as formas que ela altera a vida das pessoas, mais sujeitos depressivos se encontram representados por este discurso e o disseminam, fomentando o debate e levantando outras temáticas acerca do assunto das quais surgem outras questões para pesquisa. O que permite que haja essa reafirmação por parte dos sujeitos é a forma como a cultura terapêutica fundamenta as relações na atualidade. A naturalização de termos psi, da medicalização, a proliferação

deste discurso diretamente relacionado às esferas psicológicas da vida dos sujeitos se impregna de tal forma na contemporaneidade que instaura uma verdade a respeito do tipo de pessoa que alguém diagnosticado com um transtorno passa a ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EHRENBERG, Alain. **The weariness of the self**: Diagnosing the history of depression in the contemporary age. Montreal: McGill-Queen, 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.

FUREDI, Frank. **Therapy culture**: Creating vulnerability in an uncertain age. Londres: Routledge, 2003.

HACKING, I. The looping effects of human kinds. In D. Sperber, D. Premack, & A. J. Premack (Eds.), *Symposia of the Fyssen Foundation*. **Causal cognition: A multidisciplinary debate**. New York, NY, US: Clarendon Press/Oxford University Press, p. 351-394, 1995.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

ORTEGA, Francisco. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. **Mana**, v. 14, n. 2, p. 477-509, 2008.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIEFF, Philip. **O triunfo da terapêutica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos selfs**: psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis: Vozes, 2011.

SACRAMENTO, Igor. Tornando a dor visível: o ethos terapêutico em narrativas testemunhais de celebridades sobre o câncer. **Ciberlegenda**, n. 32, p. 109-122, 2015.

SAINT-CLAIR, Ericson. A depressão na imprensa brasileira (1970-2010): do sentido coletivo ao sentido privado. **Comunicologia**, V. 8, N. 2. p.105-121, 2015.

SANTAELLA, Lucia. O DNA das redes sociais digitais. In: **Comunicação em tempos de redes sociais**: afetos, emoções, subjetividades. São Paulo: Intercom, p. 23-43, 2013.

VAZ, Paulo. R. G. Na distância do preconceituoso: narrativas de bullying por celebridades e a subjetividade contemporânea. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 28, p. 32-44, dez. 2014